

A dinâmica da criação impulsionada pela noção platônica de belo

Hedwig Marina Nunes Rodrigues

Neste texto nos propomos a seguinte empreitada: Pensar a importância do belo, noção constantemente apresentada nos diálogos de Platão. Feito isso, mostraremos como toda realidade, na perspectiva desse filósofo, indica um remetimento para o belo. Tendo em vista a enorme gama de diálogos platônicos que fazem referências ao belo, seja em breves passagens ou em extensos argumentos, restringimos nosso texto referencial ao diálogo Fedro¹, uma vez que este apresenta pontuadas abordagens ao tema proposto. Contudo, nos auxiliaremos também do diálogo Hípias Maior².

Para um esclarecimento inicial, partiremos da negação, a fim de mostrar o que o belo não é. Na leitura dos textos do referido filósofo, não são raras as vezes em que esse termo é interpretado com pouca importância, por já partirmos de uma compreensão do belo referente às concepções de corpo e de sensibilidades provenientes da Estética, desprendemos pouca atenção a esse assunto. Todavia, faz-se por bem adiantar que não é tão simplório o significado de belo, ele contém certos alicerces do pensamento platônico.

Conforme foi mencionado acima, são vários os diálogos que trazem alguma alusão ao belo, entretanto, em diversos deles nos é deixada apenas uma suspeita de que se trata de algo importante. Platão,

em obras como o Hípias Maior, não mostra esclarecimentos acerca desse tema, mas, ao contrário, expõe as dificuldades inerentes a ele. Uma dessas é a tendência em considerar o belo como sinônimo de bonito, algo de aspecto agradável.

Nesse diálogo há apenas dois participantes, Sócrates, e seu interlocutor Hípias. Aquele levanta a dúvida do que seja o belo³, contudo, torna-se impossível construir um discurso ao encontro da questão que se propõe. Logo de início, Hípias confunde a pergunta, e o que é o belo, passa a ser o que é belo, ou seja, quais são as coisas esteticamente belas⁴, como por exemplo uma bela donzela⁵. Hípias procede dessa forma por julgar que as duas interrogações são iguais⁶. Durante todo o diálogo a dificuldade persiste, e se arrasta até seu fim, com a questão permanecendo aberta. Entretanto, o valor dessa obra consiste justamente no fato de não apresentar um raciocínio fluido entre os que dialogam, pois, assim, nos é demonstrado o quão árdua é a investigação desse tema. A dificuldade não consiste apenas em pensar a natureza do belo, mas também em identificar o que há de belo nas coisas, esquivando-se do risco de confundir-lo com a aparência estética.

Sendo “Hípias Maior”, um texto que tem como objetivo indicar uma questão, terminamos sua leitura imbuídos deste problema: O que vem a ser

o belo do qual Sócrates fala como aquilo que está além das coisas, e ao mesmo tempo perpassa todas elas, sendo sempre o mesmo ainda que apresentado em coisas diversas?⁷ Levamos esta pergunta para o texto que escolhemos como referência primordial de nosso trabalho, com a intenção de que esse nos preste alguns esclarecimentos. No Fedro, esse tema é apresentado pela linguagem do mito, pois, segundo Sócrates, essa é a melhor maneira de referir-se a “assuntos que exigiriam largas explicações”⁸. Todavia, quando as metáforas presentes nessa narrativa são interpretadas de forma literal, o seu sentido é comprometido, e o significado de sua linguagem sofre considerável redução. Temos como tarefa construir uma interpretação que esclareça a questão do belo, ou seja, percorrer as largas explicações que esse assunto exige. Sendo assim, nos lancemos à explicação do que esse mito indica.

Platão, nesse mito, apresenta a figura de uma parelha de cavalos alados e um cocheiro que a dirige em direção à abóbada celeste, onde é possível contemplar as essências. Essa força de movimento composta por cavalos e cocheiro é denominada, nesse mito, de alma. A fim de não construir nossa interpretação em cima de pré-concepções, faz-se necessário abstermo-nos dos conceitos que essa palavra invariavelmente nos remete, tal como a usual referência de alma àquilo que é âmbito estrito do individual e do subjetivo.

Platão, ao representar a alma pela figura dos cavalos e cocheiro, deixa claro seu interesse em indicá-la como movimento, e conforme concluiremos adiante, esse movimento engloba a dinâmica própria da vida, compreendida em um todo, ou seja, própria de todos homens e não apenas no domínio do particular, do subjetivo. Mas, por hora é primordial

esmiuçarmos como se manifesta esse movimento. Deve ficar claro que não se trata de um movimento desgovernado e aleatório, mas antagônico a isso, denota uma força governada pela intenção necessária de manter-se em uma direção certa e determinada, que no caso é figurada pela região supra celeste, e o que motiva a alma a realizar essa jornada é o fato de encontrar-se na região além do céu o alimento adequado para as asas da alma, o deslumbramento de contemplar as essências nutre a alma e lhe dá força para continuar este mesmo movimento.

Percorrendo sua linguagem, percebemos que o mito encara a alma como um movimento de colocar-se na direção disso que chama de essência. Avançamos, embasados nesse diálogo, à compreensão de que está contido no significado de essência o termo belo, e esse revela-se de grade importância, pois torna possível a percepção da alma, tal como a luz possibilita aos olhos enxergarem. A essência deve ser entendida como a possibilidade a partir da qual todas as coisas se originam, a geradora. O belo apresenta-se como estrutura principal da essência, porque ele dá condição de possibilidade para a alma perceber as outras idéias, ou seja, a justiça, a temperança, etc., Assim, o belo é o meio para tudo mais ser. A alma ao contemplar as essências, contempla primeiramente e com preponderância o belo, uma vez que este afigura-se como o meio para o aparecimento de tudo, é a luz que proporciona a visão da alma. O belo sendo o brilho, a força de fazer aparecer, é condição para o que aparece, logo é responsável pelo aparecimento de tudo. Destarte, devemos dizer que o belo é uno e o mesmo, e esse caráter de ser uno e o mesmo explica a completude do belo. Por ser completo, torna possível a completude dos outros termos da essência, sendo assim, ele viabili-

za a existência, apresenta-se como uma força de dar origem.

A alma, pondo-se na direção do belo, ansiando contemplá-lo, deseja desvelar sua beleza, isto é, visualizar todo o brilho que desse irradia. Contudo, esse movimento que alma realiza nunca finda, posto que o belo não é possuído, à alma cabe apenas vislumbrá-lo, não sendo-lhe irrealizável o movimento de conhecer o belo. Ao conhecimento é inerente a transformação, tanto do sujeito que conhece quanto da coisa que se conhece. Isso porque o sujeito, ao conhecer algo, se modifica, o acréscimo de conhecimento que se sofre pode interferir na sua forma de pensar, de agir e de conhecer outras coisas, pois tudo que se conhece passa pelo olhar do homem, ou seja, a forma de encarar alguma coisa é influenciada pelas suas vivências, e seus interesses. O homem tende a conhecer as coisas por uma perspectiva, que varia de acordo com o sujeito e com a situação, e isso o faz destacar certas características e desconsiderar outras do objeto a ser conhecido. Dessa forma, não há nada que se conheça que seja neutro de significado, o homem não é imparcial.

O belo permanece sempre o mesmo, uma vez que é a origem de todas as coisas. Não difere de homem para homem, pois é universal. Procedendo dessa maneira, a relação que estabelece com a alma não pode ser de conhecimento. A alma, em sua contemplação, realiza um movimento de perceber o belo da forma que ele é, ou seja, não aproximar-se demais a ponto de modificá-lo, nem tão longe que não possa percebê-lo. Mal comparado, o movimento que alma faz é como o da leitura: Com o livro colado ao rosto, os olhos vespigos embaçam as palavras, e há dois metros de distância as frases não passam de borrões. Mas, quando se estabelece a distância certa, as letras

ganham contornos aos olhos e acontece a leitura. O movimento que alma estabelece com belo é de sintonia, de colocar-se em sua direção para que ele se mostre do jeito que é. Uma vez que não há nenhum ganho, não cabe à alma possuir o belo, mas sempre estar cuidando da medida para que a sintonia aconteça, pois na menor distração ela se rompe.

Tendo em vista que a existência da alma se define no fato de contemplar o belo, a alma é, toda, um movimento ininterrupto. A sua estrutura é a do desejo, pois esse é compreendido como força que almeja uma satisfação, mas quando o desejo é satisfeito ele acaba e o movimento de busca cessa. A alma é um desejo perpetuamente insaciado, e que se plenifica nesse desejar sem fim. Uma vez que a alma apresenta-se como movimento incessante, está presente nela, conforme Platão indica, a imortalidade. Diante desses esclarecimentos, fica patente a existência de uma íntima relação entre o belo e a alma, motivo pelo qual é impraticável mostrar um sem remeter-se ao outro. Esse relacionamento se afirma no que foi dito acerca da alma, pois à medida que a alma é descrita como movimento que busca perceber o belo e que se nutre desse, sua existência apresenta-se necessariamente ligada a ele. O belo, neste caso, é tudo o que atribui sentido à alma, sendo, então, desde o belo que a alma acontece.

Todavia, é fundamental atentarmos que existe nesta relação um co-pertencimento, uma relação de mutualidade, que a presença de um se viabiliza na necessidade do outro. Este entrosamento não se estrutura numa unilateralidade, visto que o belo também carece da alma para ser desvelado. O seu brilho, sem essa, inflama no oculto, onde não ganha existência por não ser percebido. A alma faz no belo um movimento de desvelar, de torná-lo aparente.

Ainda que essa aparência, que a alma faz a partir das percepções e vislumbres da contemplação do belo, se apresente tosca em face do belo mesmo, representa a única possibilidade do belo se desvelar. Não obstante, esse desvelamento compreende o ocultar-se, visto que não mostra a inteireza do belo. Entretanto, não se deve imaginar que essa realidade é malfeita e necessita de melhoramentos. Pois, a perfeição dessa relação de alma e belo apresenta-se no fato da alma jamais chegar a construir uma aparência fidedigna do belo, assim esse nunca é desvelado e é precisamente isso que garante a imortalidade da alma, pois, fosse a aparência, que a alma constrói, completa, nela se configuraria o próprio belo e o movimento tornar-se-ia desnecessário, pois, chegaria ao fim.

Essa dinâmica de desvelar e ocultar é o ânimo da criação, a alma em seu movimento para o belo representa o *thymós* da vida. Em grego, esse termo designa o fogo para a ação, propulsão, ânimo, coração, fonte de vida. O homem se completa no movimento para o belo, não na aparência, na coisa singularizada. O homem se plenifica no vislumbre, que em um lapso é tomado, de todo o belo, e desse se encharca de motivações para continuar o movimento, a fim de percebê-lo novamente.

Munidos destes esclarecimentos, retornamos à questão que foi levantada na leitura do *Hípias Maior*: o que vem a ser o belo do qual Sócrates fala como aquilo que está além das coisas e ao mesmo tempo perpassa todas elas, sendo sempre o mesmo, ainda que apresentado em coisas diversas? Citamos que, no mito, a alma contempla as essências que se encontram na região supra-celeste, mas parece que essa passagem não foi suficientemente elucidada. A região supra-celeste é referida no mito a fim de indicar que o belo não está arraigado nem no homem,

nem nas coisas, encontra-se além desses extremos e ao mesmo tempo perpassa os dois simultaneamente, visto que é percebido pelo homem, e esse desvela o belo à medida que confere às coisas a sua aparência. Assim, esclarecemos a primeira parte desta questão, o belo não se origina nem no homem nem nas coisas, logo está além desses, contudo não deixa de estar presente nos dois. Resta-nos ademais a outra questão: O que faz o belo ser sempre o mesmo, ainda que apresentado em coisas diversas?

O belo, sendo condição para tudo, ou seja, origem das coisas, é imutável. Ao contrário da alma, que necessita estar sempre se movimentando para se completar, o belo já está todo completo e pleno. A alma, realizando o movimento que lhe é próprio, contempla sempre o mesmo belo, contudo a intensidade com que se estabelece essa relação pode variar, visto que manter a sintonia com o belo é esforço da alma. Uma vez que a percepção da alma se apresenta variante e incompleta, já que nunca chega a perceber todo o belo, o que a alma aprende desse em sua contemplação são apenas aparências, e não o belo em si. Entendemos por aparência tudo aquilo que a alma é capaz de perceber do belo. Sendo assim, variando a intensidade da relação de percepção entre alma e belo, a aparência também varia, podendo ela se apresentar de forma mais próxima ou distante da completude do belo. Concluímos que o belo, ainda que apresentado por aparências distintas, é sempre o mesmo belo, como brilho, força e poder que deu origem à motivação do desvelamento. É como se a imagem fosse a mesma, mas os espelhos diferentes.

É inegável que na aparência existe necessariamente um remetimento para o belo, em maior ou em menor grau de semelhança. O belo perpassa todas as coisas particulares, pois a dinâmica de realidade

se estrutura no movimento de indicar o belo, figurando em cada ente que se mostra como uma aparência desse. Frente à infinidade de representações do belo, cabe à alma realizar o movimento contrário, ou seja, perceber o belo que está contido nas coisas, mas não na forma como aparece representado nelas, e sim em sua forma original, da qual derivaram suas aparências. Fazendo isso, a alma fica livre do risco de confundir as aparências da verdadeira beleza. Cometer esse erro significa pôr-se de encontro ao que alma é, pois o movimento próprio da alma é o contemplar a beleza como origem do aparecimento, e não as aparências que lhe são derivadas.

Porém, conforme constatamos em todo livro do *Hípias Maior* e em uma passagem do *Fedro*, não são todas as almas dos homens capazes de reconhecer, à vista das coisas singulares, o belo em si e lhe prestar a devida contemplação. Muitas almas, quando percebem que estão frente a uma aparência que se manifesta dignamente, não sabem lidar com o imenso desejo que as inclinam para esse. E por carecerem de medidas, não deixam o belo se mostrar como é. Ao invés de contemplá-lo, tentam possuí-lo. Já as almas que se colocam com enorme distância do belo nem chegam a percebê-lo. Acontece que são bem poucas as almas que conseguem perceber e contemplar o belo nas suas imagens. Apesar desse movimento ser o que há de mais próprio na alma, nem sempre é desempenhado, pois exige atenção e demanda um constante esforço, tal como em um aprendizado. Todavia, quando a alma consegue ultrapassar a barreira da distração que a faz esquecer o que ela mesma é, quando se empenha para manter essa sintonia de perceber o belo, a alma se plenifica em seu movimento. E na assunção dessa postura, o agir do homem é integralmente direcionado à ple-

nitude, sua ação é perpassada pelo belo. Destarte, toda a geração oriunda dessa forma de agir, merece ser chamada de bela e certamente não será atirada ao esquecimento. As ações plenas são lembradas não ocasionalmente, mas estão de certa forma sempre presentes, uma vez que constroem toda a tradição e história dos homens. Elas transitam além do tempo de seu criador influenciando as gerações posteriores. A esses legados que nos são deixados, seja em forma de poesia, pintura, arquitetura, lei ou discurso, conferimos um lugar de destaque em nossa memória, e a seus criadores prestamos nossas honras, pois somos constringidos frente uma obra plena a reconhecermos a grandeza em que foi gerada.

Notas

Hedwig Marina Nunes Rodrigues, aluna de filosofia da UFES, participante do grupo de pesquisa *Pensamento e Linguagem* coordenado, entre outros, pela Prof.^a desta Universidade Carla Francalanci, apresentou os resultados do subprojeto “A Plenitude do Homem mediante a relação entre o belo, bom, feliz e imortal a partir do banquete de Platão” na XVI Jornada de iniciação científica da Ufes.

¹Platão. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975. Esta interpretação limita-se a tratar do primeiro discurso de Sócrates, presente em 245b até 257a.

²Platão. *Hípias Maior*. Burnet. Opera, vol. III, Oxford, 1974.

³“Poderias tu dizer que é o belo?” 286d, *Hípias Maior*.

⁴“Queres saber o que é belo?” 287d, *Hípias Maior*

⁵“Certamente, é algo belo... uma donzela bela” 287e, *Hípias Maior*.

⁶287d a 287e, *Hípias Maior*.

⁷“Tem algo idêntico que os faz serem belos, algo comum que se encontra em um e em outro conjuntamente e em cada um

deles separadamente” 300a até c, *Hípias Maior*

⁸246a, Fedro.

⁹246a até 247c, Fedro.

¹⁰“contemplando elas as realidades que se encontram para além do céu”. 247c, Fedro. O sentido do que seja a região supra-celeste será explicado posteriormente.

¹¹248c, Fedro.

¹²Devemos grifar que por não se tratar de um assunto formal, não intencionamos cravar conceitos e definições acerca do belo, mas apenas delimitar aquilo que lhe é próprio, pois, como estabeleceremos adiante, não cabe ao belo ser aprendido e conhecido, podemos apenas perceber o que constitui sua força.

¹³Observamos que é assim mesmo que indica o Fedro nas seguintes passagens: “No decurso dessa revolução contempla a justiça em si mesma, contempla a temperança, o conhecimento...”, 247e; “somente a beleza recebeu o privilegio de ser a um tempo encantadora e de brilho incomparável”, 250d, Fedro.

¹⁴247d até 248c, Fedro.

¹⁵O termo grego que designa esta relação é *noein*, traduzido por perceber, seu significado abarca toda essa compreensão de perceber as coisas como são, de modo que isso que aparece se mostre do jeito que é, que demanda um cuidado de colocar-se na medida certa para que haja percepção, ou seja, nem abandonar e nem prender.

¹⁶No mito, é figurado o rompimento desta sintonia, digo, a incapacidade de perceber as essências, pela perda das asas. 248c-d, Fedro.

¹⁷245c até 246a, Fedro.

¹⁸É manifesto que o belo não poderia estar situado nem no homem nem na coisa, todavia, o que justifica o fato do belo se apresentar além do céu e não em outro lugar? O belo, por ser completo e pleno, é a condição de aparecimento até mesmo do divino, por isso, está situado além do lugar onde habitam os deuses.

¹⁹Assim é a vida dos deuses das outras, a dos homens, a que melhor se esforça por contemplar os deuses e com eles parecer-se, (...) se deixa arrastar pelo movimento circular; porém, perturbada pelos cavalos mal pode contemplar as essências”, 248a, Fedro.

²⁰“O iniciado que tantas coisas belas já contemplou no céu,

quando percebe alguma feição de aspecto divino, feliz imitação da beleza, (...) sente calafrios”, 251a, Fedro. Nesta passagem, Platão aponta este movimento de perceber o belo nas coisas. Adiante o mito tomará como exemplo de personificação do belo nos jovens rapazes que se figuram belamente aos seus amantes. “(...) ao contemplar a beleza de um jovem”, 251c, Fedro.

²¹“Toda alma de homem já contemplou naturalmente a verdadeira realidade, sem o que não teria nunca adquirido esta forma; porém não é igualmente fácil para todas, à vista das coisas terrenas, recordar-se das celestes”, 249d até 250a, Fedro.

²²“(...) quem não foi iniciado de pouco ou já se corrompeu, de maravilha conseguirá alcançar-se até a beleza absoluta, sempre que contemplar aqui em baixo uma imagem com seu nome. (...) em vez de venerá-la quando a encontra, deixa-se dominar pelo prazer...”, 250e, Fedro.

²³256a-c, Fedro.

²⁴Platão. *O Banquete*. Editora Nova Cultural, São Paulo, 1991. Passagem 209a a 210a.

Referências

PLATÃO. *Hípias Maior*. Burnet. Opera, vol. III, Oxford, 1974.

PLATÃO. *O Banquete*. Editora Nova Cultural, São Paulo, 1991.

PLATÃO, Fedro. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.

WERNER, Jaeger. *Paidéia*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

FRANCALANCI, Carla. *Amor, Discurso, Verdade: uma interpretação do Sympósion de Platão*. Vitória, Edufes 2005.

HEIDEGGER, Martin. *A doutrina de Platão acerca da verdade*, tradução Noberto Silvrtti, Cuadernos de filosofía, VII Buenos Aires.

RIBEIRO, Luis Felipe, *Sobre o mito da Caverna de Platão*. IN. *Revista de Filosofia N. 1*, Vitória: UFES, 1995.